

FAVELAS

Favelas abrigam 6% da população brasileira

Segundo IBGE um quarto da população do ABC vive em condições precárias

EDITORIAL

Mais de 11 milhões de pessoas vivem em favelas ou locais irregulares no País. É como se a população inteira da cidade de São Paulo vivesse neste tipo de habitação. Apesar de a Constituição brasileira afirmar que moradia é um direito social, isso não se reflete na realidade dessa fatia considerável de brasileiros.

Nesta edição do *Espaço Cidadania* você conhece um pouco mais sobre como se deu o processo de favelização no Brasil, como vivem essas pessoas, quais iniciativas estão sendo desenvolvidas pelo poder público, iniciativa privada e organizações sociais e o que ainda precisa ser feito para mudar essa realidade.

Uma das matérias traz como exemplo a Vila São Pedro, em São Bernardo do Campo, no ABC paulista, que existe desde os anos de 1980 e teve a população multiplicada em mais de 100 vezes. Somente após a formação de um conselho popular e a busca de direitos na Justiça algumas melhorias foram possíveis.

O *Espaço Cidadania* também ouviu a socióloga e coordenadora do curso de Ciências Sociais da Universidade Metodista de São Paulo, professora Lucieneida Praun, que analisa, entre outros aspectos, a forma como ocorre o convívio social nesses ambientes e aponta a falta de emprego e a desigualdade social como dois fatores que acabam por gerar as favelas.

O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, e o fato de tantas pessoas não terem acesso a moradia digna é reflexo disso. Entender como se dá esse processo, conhecer iniciativas que busquem revertê-lo e tomar parte delas é um ato de cidadania, já que direta ou indiretamente é um problema que diz respeito a todos nós.

Boa leitura!

Prof. Dr. Marcio de Moraes
Reitor



Favela do Bairro do Montanhão, em São Bernardo do Campo, uma das 600 da região do ABC paulista

Giovanna Verrone

O processo de favelização não é novo, porém o crescimento aconteceu no fenômeno de urbanização intenso que o País passou nos anos 50, quando os governos levaram uma grande quantidade de pessoas para os grandes centros urbanos sem que houvesse um planejamento prévio.

O processo de consolidação e aumento das favelas no Brasil começou entre as décadas de 1940 e 1950, com a chegada de um segundo grande contingente de imigrantes atraídos pela expansão industrial do Brasil. Ao mesmo tempo, começou o êxodo rural, com centenas de brasileiros saindo do campo para tentar a vida na cidade grande. Sem dinheiro para comprar casa ou pagar aluguel, essas pessoas se juntaram aos descendentes de antigos escravos e começaram a se instalar nas encostas de morros das grandes capitais, bem como viver em casarões transformados em cortiços.

Segundo o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 11,6 milhões de brasileiros vivem em lugares considerados irregu-

lares. A região Sudeste abriga 49,8% das favelas, sendo 23,2% das casas localizadas no Estado de São Paulo. Na região do ABC paulista, 620 mil pessoas vivem em “aglomerações suburbanas”, formando mais de 600 favelas espalhadas nas cidades de Diadema, São Bernardo, Santo André e Mauá. São Caetano não possui favelas, mas ali existem 122 cortiços.

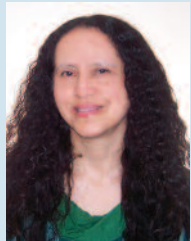
De acordo com dados de 2010 do IBGE, 88,3% das favelas no Brasil têm abastecimento de água, 67,3% possuem esgoto e 72,5% contam com energia elétrica. “A construção desordenada de barracos faz com que a favela se torne um lugar sem condições para abrigar serviços básicos funcionando plenamente, como calçamento, postes de iluminação e saneamento básico”, comenta Claudete Pagotto, professora de Ciências Sociais da Universidade Metodista de São Paulo. De acordo com a pesquisadora, quem mora na favela gostaria de viver em outro local. “É o tipo de moradia que a população de baixa renda consegue bancar com o salário que recebe e muitas vezes é o lugar mais próximo do trabalho”, afirma.

PROGRAMAS SOCIAIS

Desde 2007, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o governo federal já destinou mais de R\$ 20 bilhões para projetos que visam a melhorias em favelas e moradias em áreas de risco, investindo em sistemas de saneamento básico, prevenção de desabamentos, urbanização de assentamentos precários e programas como o Minha Casa, Minha Vida, que entregou mais de 900 mil moradias.

Algumas Organizações Não Governamentais também atuam na luta contra a desigualdade na moradia, como o programa TETO, que desde 1997 procura ajudar pessoas carentes com programas sociais. “O TETO trabalha em sistema de mutirão para arrecadar verba para a compra de material de construção. Depois, todos ajudam na construção da casa dos membros da ONG. Nosso principal objetivo é o desenvolvimento comunitário para que o lar seja o primeiro passo para uma mudança de vida”, afirma Daniella Dolme, diretora de Comunicação da organização.

A Fé nas favelas



Margarida Ribeiro, professora de Teologia Pastoral - Desenvolvimento Comunitário, Liturgia e Ministério Pastoral da Universidade Metodista de São Paulo, fala sobre a relação entre a fé e as favelas.

Qual o envolvimento da Igreja nas favelas?

Qual o envolvimento da Igreja nas favelas?

‘A Igreja deve estar onde o povo está’, portanto, a Igreja deve estar presente também nas favelas. E em meio aos desafios que se apresentam a Igreja tem a oportunidade de exercer a sua missão ‘como comunidade a serviço do povo’, especialmente nos projetos sociais. Há Igrejas que juntamente com as pessoas que moram nas favelas promovem cursos de noções de informática, reforço escolar e até mesmo colaboram na construção de bibliotecas populares. Há outras que sobem os morros e ajudam na criação de hortas comunitárias; mesmo em meio às dificuldades de acesso à água, as pessoas se organizam responsabilizando as diferentes famílias que diariamente levam a água utilizando baldes e subindo os íngremes barrancos. Diversas atuações. E como diz uma parte do cântico *Que estou fazendo se sou cristão?* “não só a alma do mal salvar também o corpo ressuscitar.” Ou seja, anunciar a boa nova do Evangelho e atuar em prol da vida digna para o ser humano.

Como as pessoas que vivem em favelas se relacionam com a fé?

As pessoas que vivem nas favelas têm uma fé incomensurável, admirável. Elas são solidárias, criativas e têm uma alegria contagiante, apesar das dificuldades enfrentadas no seu cotidiano.

Qual a mensagem do cristianismo para quem vive em situação de risco?

Há diversas situações. Especialmente em meio às dificuldades decorrentes de enchentes, e outros “sinistros”, as igrejas se unem independentemente de credo religioso em prol de ações que dignificam o ser humano, e partilham mensagens de esperança e paz, na luta pela justiça e vida digna.

Crescimento da Vila São Pedro leva melhorias a moradores

Qualidade de vida da população aumenta com a chegada da Unidade de Pronto Atendimento

Gustavo Carneiro

Considerada a maior favela de São Bernardo do Campo, a Vila São Pedro tem cerca de 65 mil habitantes e circunda bairros de classe média da cidade, como Baeta Neves e Nova Petrópolis. Apesar de enfrentar problemas em diversos setores, a Vila São Pedro oferece um variado e forte comércio local e também se destaca pela proximidade com a região central da cidade, fator que auxilia o comércio e a mobilidade urbana.

De acordo com o presidente do Conselho Popular da Vila São Pedro, Ronaldo Silva Barrence, a comunidade começou a se formar nos anos 1980 com um grupo de 600 pessoas. O local, considerado um bairro pelos

moradores, possui cerca de 220 ruas, das quais 188 asfaltadas, além de creches, escolas e uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA). Durante quase três décadas, os moradores já sofreram bastante, principalmente com riscos de desabamentos nas casas construídas em vielas e em áreas de risco.

Barrence conta que, entre 1999 e 2000, aconteceram algumas mortes no local. “Na época o poder público não tinha interesse em fazer obras que nos ajudariam a acabar com esse problema”, diz. O presidente do Conselho explica que a comunidade só conseguiu reverter essa situação quando os moradores se organizaram para formar o Conselho Popular. “Reunimos representantes para ir até o fó-

rum onde o juiz deliberou que o poder municipal poderia fazer as obras na Vila São Pedro”. Damião Pereira Conrado, um dos moradores mais antigos da Vila, conta que nada veio fácil. “Sempre fizemos as coisas com muita luta. Tanto a pavimentação das ruas, quanto a creche, só foram obtidas graças a ações judiciais”, diz.

O caráter pró-ativo da população da Vila São Pedro virou tema de filme. Em 2010, o documentário “Vila São Pedro e sua Gente” foi exibido pelo cineasta baiano José Milton dos Santos, um ex-morador da Vila. Em 22 minutos, os habitantes da comunidade, personagens da própria história, contam sobre como é morar naquele local e falam das mudanças observadas ao longo dos anos.



Inauguração da Unidade de Pronto Atendimento da Vila São Pedro em 2011

Pedro, em SBC, oradores

imento e a pavimentação da maioria das ruas



AMPLIANDO O CONHECIMENTO

Livros

Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro: estudos de sociologia e antropologia urbanas

Dario Paulo Barrera Rivera, Editora CRV, 296 páginas.

Escudado em pesquisas de campo, entrevistas nas áreas periféricas e favelas do Rio e de São Paulo, o livro revela toda uma complexidade de articulações entre a condição de morador de periferia e a pertença/preferência pentecostal. Veja entrevista com o autor: <http://bit.ly/PRohTf>.

Breve História das Favelas

Luis Kehl, Editora Claridade, 112 páginas

Além do lixo, do esgoto a céu aberto e das crianças doentes, nesta obra a favela é descrita como um local onde as pessoas são capazes de sobreviver às adversidades e, dentro de seu contexto, ainda prover formas estruturadas de sustentabilidade, resistência e de felicidade.

Filme

5 X Favela - Agora Por Nós Mesmos (2010)

Diretores: Cacau Amaral, Cadu Barcelos, Luciana Bezerra, Manaíra Carneiro, Rodrigo Felha, Wagner Novais, Luciano Vidigal. Trailer: <http://bit.ly/RWzuUW>

Este filme é formado por cinco histórias independentes entre si, cômicas e trágicas, que refletem as múltiplas faces do cotidiano dos moradores das favelas e fogem dos estereótipos violentos que costumam ser associados à vida nas comunidades.

ONG

Habitat para a humanidade - Brasil

www.habitatbrasil.org.br

Articula e apoia o desenvolvimento de comunidades, por meio de ações de construção, reforma e melhoria de unidades habitacionais, regularização urbanística e fundiária de assentamentos.



Manistela Caretta



ENTREVISTA

Da viela para o asfalto

O processo de favelização está na desigualdade social



Gabriela Rodrigues

GIOVANNA VERRONE

Vivemos num país onde a vista da periferia contrasta com os bairros estruturados. A socióloga Lucieneida Praun é professora e coordenadora do curso de Ciências Sociais na Universidade Metodista de São Paulo e morou por 12 anos na favela Vila Homero Thon, em Santo André. Ela fala sobre os problemas desse tipo de moradia e possíveis soluções para acabar com as favelas.

Espaço Cidadania: Qual é a definição para a palavra favela?

Luci Praun: No ponto de vista sociológico, nós podemos considerar a favela como um conjunto de moradias em condições de precariedade, tanto do ponto de vista da habitação, mas também das condições de infraestrutura. Nesse contexto se engloba tudo: saneamento, eletricidade, transporte e o acesso a serviços básicos como saúde e educação.

Espaço Cidadania: Quais os problemas sociais encontrados nas favelas?

Luci Praun: Primeiro é o próprio preconceito com quem vive na favela. Algumas empresas não contratam pessoas que moram nesses locais. Segundo, é a falta de urbanização, ruas estreitas, que impede a passagem do caminhão do lixo. Muitas vezes o correio também não chega nos barracos, as pessoas precisam ir nas casas da avenida principal buscar as correspondências. Além disso, esses locais acabam virando um espaço onde o tráfico de drogas funciona livremente, pois até a geografia das favelas auxilia como esconderijo. Outro problema é a ação da polícia, que costuma ser violenta, sem fazer distinção entre moradores e bandidos.

Espaço Cidadania: Como funciona o convívio social nas favelas?

Luci Praun: Como os barracos são

muito pequenos, os moradores ficam pouco tempo dentro das casas e acabam se confraternizando mais na vizinhança — ao entrar em uma comunidade, é bastante comum ver muita gente circulando na rua. A vida se faz no espaço aberto e a fronteira entre o privado e o público fica tênue. Por um lado, isso cria laços entre as pessoas, mas por outro, há o incômodo da falta de privacidade.

Espaço Cidadania: Qual é a solução para acabar com o crescimento desse tipo de moradia?

Luci Praun: Tem que ter emprego. A desigualdade social gera a favelização. Quem mora na favela não gosta de morar lá, mas não há outra alternativa senão viver na rua. Um salário mínimo vale pouco mais de 600 reais, enquanto um aluguel está por volta de 700 reais. Muitas vezes ocupar um terreno vazio é a saída.

Espaço Cidadania: Como transformar as favelas já existentes em locais dignos de se viver?

Luci Praun: A favela é fruto da desigualdade social, então qualquer política que leve em consideração acabar com esse tipo de local significa atacar o problema da desigualdade social por completo. Entretanto, quando se fala em urbanizar uma comunidade, ou remover os moradores para outro lugar, normalmente o que se vê é a retirada daquela população para outra parte da cidade porque aquela área se valorizou demais. Alguns projetos de moradia popular são válidos, mas outros precisam ser revistos. Os prédios que se erguem nos terrenos antes ocupados por barracos são extremamente precários, com materiais de baixa qualidade e os apartamentos são minúsculos. É preciso pensar em como tirar as pessoas do barraco, desde que seja de uma maneira decente e respeitosa.

Iniciativas levam cultura para dentro das favelas

Biblioteca comunitária, jornais e divulgação de músicos e poetas valorizam manifestações artísticas dos moradores de comunidades em Minas Gerais e no Rio de Janeiro

Gustavo Carneiro

É comum a associação de favelas a notícias sobre o crescimento da desigualdade social e ao tráfico de drogas, criando um estigma pejorativo entre os moradores, como se a comunidade inteira vivesse em função desse tipo de atividade. Felizmente, existem centenas de iniciativas que inserem a população em ações educativas e culturais.

Um exemplo é a proposta da ONG “Favela é Isso Aí”, que começou em 2004, com uma pesquisa da antropóloga Clarice Libânio. Em seu estudo, Clarice produziu um guia cultural das vilas e favelas de Belo Horizonte, onde cadastrou 740 grupos culturais nas comunidades da capital

mineira. “Mapeei cerca de 7 mil artistas atuantes nas áreas de música, dança, teatro, artes plásticas, literatura e demais manifestações artísticas”, conta. Segundo a antropóloga, hoje a ONG já tem estúdio comunitário próprio, com nove CDs gravados.

Além do projeto artístico, a ONG conta também com uma parceria com a Rádio Inconfidência, onde programas de rádio de 15 minutos são veiculados aos sábados à tarde, com músicas e poesias produzidas pelos moradores das favelas de Belo Horizonte. Outros projetos relacionados incluem o “Banco de Memória”, onde são feitas as pesquisas sociais e culturais; o “Vendo ou Troco”, que incentiva o desenvolvimento do comércio local; o “Prosa e Poesia no Mor-

ro”, que é a editora especializada em lançamentos de textos de moradores das comunidades; e o “Núcleo de Audiovisual”, que elabora vídeos para os artistas assessorados pela entidade, promove oficinas de desenho animado e documentário para adolescentes.

Ainda em Belo Horizonte, uma biblioteca comunitária também está disponível aos moradores do Bairro Jardim Leblon. O Projeto Biblioteca Comunitária começou com uma cooperativa de catadores de lixo que separavam os livros que seriam descartados e os colocavam à disposição da comunidade. “O espaço nos ajuda muito porque é o único lugar em que adultos e crianças podem ter acesso a livros no bairro”, afirma Glúcia Malaquias da Cruz, responsável pelo local.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DAS FAVELAS

No Rio de Janeiro, outra iniciativa que também ajuda as comunidades carentes é a “ANF – Agência de Notícias das Favelas”, a primeira agência de notícias de favelas do mundo, que atua na divulgação de informações diárias das favelas no site (www.anf.org.br) e de trabalhos artísticos por meio da produção de um jornal impresso bimestral. Para Mariana Koury, responsável pelo projeto, esse tipo de ação é importante para que haja a democratização da informação das favelas, que ganham voz própria, sem intermediários.



Garotos jogam futebol na Favela do Bairro do Montanhão, em São Bernardo do Campo

Espaço Cidadania é uma publicação mensal do Instituto Metodista de Ensino Superior. Tiragem: 3.000 exemplares
Conselho Diretor: Paulo Roberto Lima Bruhn (Presidente), Nelson Custodio Ferr (Vice – Presidente), Aureo Lidio Moreira Ribeiro, Kátia Santos, Augusto Campos De Rezende, Carlos Alberto Ribeiro, Osvaldo Elias de Almeida, Marcos Sptizer, Ademir Aires Clavel, Oscar Francisco Alves, Regina Magna Araujo (Suplente), Valdecir Barreros (Suplente).
Diretor Geral/Reitor: Marcio de Moraes. **Diretor de Comunicação:** Paulo Roberto Salles Garcia. **Coordenação Editorial:** Gerência de Comunicação do IMS e Agência de Comunicação da Faculdade de Comunicação **Conselho Editorial:** Clovis Pinto de Castro (presidente), Elena Alves Silva, Luiz Roberto Alves, Paulo Roberto Salles Garcia, Dag-

mar Silva Pinto de Castro, Paulo Bessa da Silva, Nicanor Lopes, Léia de Souza. **Redação:** Giovanna Verrone, Gustavo Carneiro (alunos da Faculdade de Comunicação). **Edição:** Alexandra Martin (MTb 26.264) e Israel Bumajny (MTb 60.545)

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica: Timbre Consultoria em Marca e Design.

Redação: Rua Alfeu Tavares, 149 • Edifício R6 • Rudge Ramos • 09640-000 • São Bernardo do Campo • SP

Telefone: (11) 4366-5599 **E-mail:** imprensa@metodista.br **Versão Online:** www.metodista.br/cidadania

Os textos podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte e seus autores.